

REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA AVALIATIVA NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM¹

Patrícia Pereira da Silva

Pedagoga – Especialista em Educação à Distância

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - Campus Confresa

RESUMO

O artigo traz algumas reflexões contextualizadas em momentos de formação continuada ofertada na forma de minicurso durante a realização da III e IV Semana Acadêmica das Ciências da Natureza no IFMT campus Confresa que aconteceu durante o 2º semestre/2015 e 1º semestre/2016 sobre a temática “Estratégias Metodológicas e Avaliação dos Processos de Ensino e Aprendizagem”. As questões norteadoras abrangem a formação inicial e continuada dos professores, como: Por que falar de avaliação da aprendizagem na formação de professores? Como é tratada a avaliação durante sua formação acadêmica? Quais suas experiências avaliativas, bem como sobre quem foram(são) seus modelos de professores avaliadores? Refletir se está a formação de professores preparando-os para exercer o papel de professor avaliador, uma das facetas dos docentes, pois segundo Hoffmann “(...) é sabido que a atenção a essa área, em cursos de formação, é frequentemente, descuidada ou desarticulada da realidade do contexto educacional (...)” (2007, p. 71).

Palavras-Chave: Avaliação. Formação de Professores. Ensino e Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Pensando o diálogo entre o ensino e a aprendizagem a partir da perspectiva construtivista (WEISZ E SANCHEZ, 2009) é possível visualizar o que o aluno já sabe a partir do que ele produz e pensar no que fazer para que aprenda mais. Nesse sentido refletir sobre o ato de avaliar vai além das quatro paredes da sala de aula, a complexidade dessa ação preocupa todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem no contexto educativo.

Entre muitos questionamentos sobre avaliação surge a iniciativa de ofertar formação continuada por meio de minicursos em tempos alternativos, também como plano de trabalho da coordenação pedagógica do IFMT campus Confresa com o propósito básico desses momentos formativos, sob a ótica Luckesiana, (LUCKESI, 2011), possibilitar tanto aos futuros como os atuais educadores a compreensão de que o ato de avaliar é um componente essencial do ato pedagógico. A avaliação da aprendizagem, junto ao planejamento e à execução, compõe o algoritmo do ato pedagógico. Possibilitar elementos que se revelam didaticamente úteis para enfrentar a questão do “como” (em sentido genérico, a pergunta que responde ao tratamento metodológico) e a questão da avaliação, sua concepção, tipos e técnicas imprescindíveis a prática educativa (BAUTISTA, 2002).

Os momentos formativos que assim denominamos os encontros e minicursos buscamos discutir sobre estratégias metodológicas e avaliação dos processos de ensino e aprendizagem à valorização das dimensões participativas, que atravessam as reflexões sugeridas pelos diversos autores em torno da temática. Procuramos fazer um histórico da avaliação; pontuar questões relacionadas ao debate atual acerca da avaliação da aprendizagem; refletir sobre a concepção de avaliação que pauta a prática docente; apresentar estratégias de ensino e aprendizagem; algumas opções metodológicas; conceitos, funções de avaliação; tipos de avaliação; técnicas e instrumentos para avaliação.

¹ O trabalho faz parte do plano de ação da coordenação pedagógica como formação continuada desenvolvida no IFMT campus Confresa.

REVISÃO DE LITERATURA

Os conceitos que procuramos priorizar para discutir as diferentes concepções de avaliação percorre entre os autores Hoffmann, Vasconcelos e Romão considerando fundamental os estudos e conceitos de Luckesi para refletir sobre as práticas avaliativas recorrentes nas escolas.

Hoffmann (1994) percebe-se a avaliação como sendo algo fundamental na educação e que os testes e medidas não são formas suficientes de avaliar, mas de indicar acertos e erros, e, segundo a autora, a avaliação possui a função mediadora, a qual intervém e intercede. “A avaliação é a reflexão transformada em ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões” (1994, p. 18). Assim, defende a avaliação como interpretação cuidadosa e abrangente das respostas do aluno frente a qualquer situação de aprendizagem, sendo necessário entendê-la como acompanhamento de uma trajetória.

Segundo Vasconcelos (1998), a avaliação é um processo que abrange a existência humana e implica reflexão sobre a prática, no sentido de diagnosticar seus avanços e dificuldades e, a partir dos resultados, planejar tomadas de decisão sobre as atividades didáticas posteriores.

Para Luckesi, avaliação é o um ato amoroso, “O ato amoroso é aquele que acolhe a situação, na sua verdade (como ela é)” e declara ainda: “por acolher a situação como ela é, o ato amoroso tem a característica de não julgar” (2008, p. 171), é um estado psicológico oposto ao estado de exclusão. “É um ato de investigar a qualidade do seu objeto de estudo e, se necessário, intervir no processo da aprendizagem, tendo como suporte o ensino, na perspectiva de construir os resultados desejados” (2011, p. 150).

Ao se referir à função da avaliação, Luckesi declara:

[...] A avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. Se é importante aprender aquilo que se ensina na escola, a função da avaliação será possibilitar ao educador condições de compreensão do estágio em que o aluno se encontra, tendo em vista trabalhar com ele para que saia do estágio defasado em que se encontra e possa avançar em termos dos conhecimentos necessários (2008, p 81).

Considerando todos os conceitos abordados para avaliação percebemos que mesmo sendo para Jussara Hoffmann *mediadora*; Celso Vasconcelos *dialética*; José Eustáquio Romão *dialógica*, Luckesi alega que esses termos são adjetivos, mas a avaliação independente de ser *formativa*, *dialética*, *mediadora* e *dialógica*, por ser avaliação, ela é **diagnóstica**, pois subsidia uma intervenção construtiva e criativa. Portanto, nos pautaremos no conceito de avaliação proposto por Luckesi para direcionar nossos momentos formativos.

Sobre os aspectos históricos da avaliação da aprendizagem (SOUZA, 2005) traz compreensões teóricas de Ralph Tyler, a avaliação foi expandida pelo mundo através de uma proposta de “ensino por objetivos” a qual por meio de tarefas preestabelecidas diagnosticava se houve ou não, a aprendizagem.

Em 1970 surge também no Brasil, com o movimento da Tecnologia Educacional, porém o tema da avaliação pouco era discutido, assim como ressalta Luckesi (2011) devido ao fato de estar em pauta a eficiência do ensino, e a avaliação estava ligada à possibilidade de garantir essa eficiência. A partir daí, introduziu-se no ambiente escolar, a expressão “avaliação da aprendizagem”, Apesar disso, não mudou-se a prática.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com objetivo de saber o conhecimento prévio dos participantes do minicurso sobre “Estratégias Metodológicas e Avaliação dos Processos de Ensino Aprendizagem” aplicamos um questionário

com as seguintes questões: Pra você o que é avaliação? Qual(is) o(s) tipo(s) de avaliação você pratica? Quais instrumentos avaliativos você costuma usar? Quais são os desafios no ato de avaliar? Após a avaliação como você trabalha com os resultados? Relate alguma experiência significativa durante sua prática pedagógica sobre avaliação.

Participaram da pesquisa para 13 pessoas, para análise e interpretação dos dados coletados dividimos os participantes em dois grupos: G1 (6 participantes que atua(ram) como professor) e G2 (7 participantes que tiveram experiências avaliativas durante o curso superior enquanto discentes e estagiários).

O G1 tem claro a definição de avaliação como prática reflexiva da ação pedagógica no intuito de promover a aprendizagem proporcionando a inclusão do educando no processo de ensino e aprendizagem. Segundo um dos participantes desse grupo, avaliação “É o processo pelo qual podemos perceber o conhecimento adquirido no decorrer das aulas”.

A prática de avaliação está relacionada com a concepção de educação que o docente possui. Dessa forma, a avaliação não deve ser vista como um ato isolado, mas sim integrada a um aspecto mais amplo que influencia de uma forma ou de outra na ação educativa.

Percebemos que ao pontuar o tipo de avaliação que praticam em suas aulas apenas dois participantes do G1 conseguiram descrever de forma adequada citando “avaliação participativa, processual, contínua e qualitativa”. Os outros participantes do G1 responderam citando instrumentos avaliativos, e não tipos de avaliação.

Pontuaram como instrumentos avaliativos a participação e frequência do aluno; atividades escritas; trabalhos em grupo; avaliação escrita (tradicional) e observação. A maioria utiliza seminários como instrumento avaliativo.

Os participantes do G1 apontaram como desafios para o ato de avaliar: dificuldades de identificar o método adequado para avaliar o aluno em seu cotidiano e qual o instrumento mais apropriado para avaliar a aprendizagem do aluno em determinados temas e conteúdo.

Os professores do G1 após a aplicação da avaliação, utilizam apenas a revisão do instrumento avaliativo com os alunos. Em relação as experiências avaliativas durante a prática pedagógica, relataram serem significativas, pois proporcionaram reflexões sobre a prática, métodos aplicados que tiveram resultados positivos. Um dos participantes mencionou como experiência: “proporcionou crescimento pessoal e profissional ao aluno”, “satisfação quando os alunos conseguem bons resultados nas avaliações”.

Para o G2 a avaliação é um processo pelo qual se verifica o conhecimento do aluno e se os objetivos foram alcançados. Também demonstraram dificuldades de identificar os tipos de avaliação, confundindo-os com os instrumentos avaliativos. Apenas 2 participantes descreveram a avaliação contínua citando: “assim pode-se avaliar o desempenho do aluno no dia-a-dia”.

Os instrumentos avaliativos mais citados pelos participantes do G2 foram as provas escritas tradicionais, seminários, trabalhos em grupos. Quanto aos desafios para avaliar os participantes relataram a “elaboração de estratégias que contemple os alunos como um todo, levando em consideração a individualidade de cada aluno”.

Após a aplicação do questionário como instrumento de pesquisa sobre as concepções prévias dos participantes sobre a temática avaliação, procuramos enfatizar as questões que os grupos demonstraram mais dificuldades de compreensão de acordo com as respostas durante a pesquisa. Procuramos dessa forma discutir e problematizar estratégias e tratamento metodológico durante o planejamento curricular, questionamos: O que ensinar? Como ensinar? Em que ordem ensinar?

Como apresentar seus objetivos? O que e como avaliar? Por que e para quem avaliamos? Que decisões tomar?

Oportunizamos aos participantes, pensar essas questões na perspectiva teórico pedagógica construtivista nos processos de ensino e aprendizagem como uma intervenção pedagógica partindo do nível de desenvolvimento do aluno para assegurar a construção de aprendizagens significativas. A intervenção educativa deve ter como objetivo prioritário fomentar a autonomia na aquisição da aprendizagem. Ou seja, planejar atividades que proporcionem informação sobre o grau de conhecimento do aluno sobre a matéria, atividades que ampliem os conhecimentos adquiridos e atividades que permitam estabelecer relações e formular conexões. A aprendizagem significativa exige uma intensa atividade por parte do aluno que deve ser concebida como um processo interno de reflexão sobre a ação, que leva à motivação, eleva o autoconceito no aluno, entendendo que a aprendizagem se apoia na construção de conhecimentos a partir das influências do ambiente intra e extra-escolar.

Levamos os participantes a refletir que as estratégias de ensino como sequência de atividades selecionadas, ordenadas e sequenciadas, onde os objetivos estão centrados na formação integral do aluno deve sempre buscar para isso, uma lógica interna na análise da estrutura científica da disciplina e pensar a maturidade dos sujeitos a quem é dirigida a aprendizagem, os fins ou valores que pretende desenvolver no ensino e os meios de que dispõe o centro docente.

Não podemos desconsiderar o currículo vigente; e as bases implícitas ou o pensamento do professorado ao criar estratégia de aprendizagem, que são uma série de habilidades utilizadas com um determinado propósito acadêmico, procuramos estabelecer mecanismos de controle e planejamento dos processos cognitivos encarregados de codificar, transformar e armazenar informação. As estratégias de aprendizagem capacitam o aluno que aprende a planejar e organizar suas atividades de aprendizagem. A classificação das estratégias de aprendizagem são estabelecidas na revisão, elaboração e organização apoiadas em algumas opções metodológicas que adotamos de acordo com os objetivos que queremos alcançar durante a aplicação de uma atividade em sala de aula, dentre essas opções apresentamos aos participantes os seguintes métodos:

Método expositivo (origem no séc. XI, escolas monacais), que baseia-se na transmissão de informações e predomínio total ou parcial da atividade do professor no processo didático. A aprendizagem fica para o segundo plano, assim, provoca dois tipos de comportamento no aluno: passividade e culto à memória, pois aumenta a rigidez do ensino pela falta de contato comunicativo entre professor e aluno.

Já a *Dinâmica de grupos* ajuda o aluno a realizar uma aprendizagem significativa, levando-o a refletir e esclarecer suas ideias prévias antes do começo do trabalho. O fato de procurar o conhecimento prévio de cada aluno e do grupo, favorece suas inter-relações e possibilita desenvolver um trabalho cooperativo. Ao professor compete orientar a aprendizagem selecionar as atividades de forma mais ou menos direta. A participação do aluno é ativa, existe o diálogo para colocar em prática o processo de tomada de decisões, onde cada um se responsabiliza pelas suas próprias ações.

O método *Phillips 66* (J.D.Phillips), permiti e promove a participação ativa de todos os membros do grupo, pois obtêm as opiniões de todos num tempo breve; com objetivo de chegar a tomada de decisões e reunir informação ou ponto de vistas de grande número de pessoas acerca de um problema. Esse método desenvolve a capacidade de síntese e concentração; ajuda a superar as inibições para falar com os outros.

O *Turbilhão de ideias – Brainstorming* é um método com maior número possível de contribuições e informes em geral sobre uma determinada questão, busca solucionar um problema real, simples e ficar claro e compreensível a todos do grupo.

A *Técnica dos diálogos simultâneos* consiste na manutenção de um diálogo num grupo, entre duas pessoas de cada vez, para discutir um tema ou problema concreto. Em pouco tempo, pode-se obter uma opinião compartilhada sobre uma pergunta formulada a todo o grupo.

Discussão livre ou debate dirigido, esse método trabalha com um grupo coloquial ou médio (de 12 a 16 membros), duração de uma aula, é dirigido por um monitor, trabalha informalmente um tema passível de opinião. Os temas são relacionados com os conteúdos de atitudes, em que se deve fomentar o espírito crítico.

Desempenho de papéis – Role playing, com esse método o aluno aprende a partir de sua própria vivência da situação como objeto de conhecimento. A aprendizagem é mais lenta e eficaz, a longo prazo.

O *Foro* é um método que permite a intervenção de toda a classe. Os alunos aprendem a se expressar com propriedade e correção de maneira ordenada, com objetividade e com respeito a ideias diferentes.

Além dos métodos apresentados os participantes também relataram algumas experiências avaliativas com outros métodos como o seminário, estudo dirigido entre outros.

Dentre as funções da avaliação trabalhamos com os participantes a avaliação com aspectos de *caráter social*, de seleção e classificação, e também orientação dos alunos que é a mais praticada. De *caráter pedagógico*, de ajuste do processo de ensino e aprendizagem, para que todos os alunos aprendam de forma significativa. Apresentamos as várias modalidades de avaliação (somativa, contínua, integradora) mas focamos na: *Diagnóstica* - a partir da perspectiva Luckesiana para subsidiar o trabalho do professor -, com a função de determinar a situação de cada aluno antes de iniciar o processo de ensino e aprendizagem, para poder adaptá-lo a suas necessidades. Prognose: informação refere-se a um conjunto de alunos. Diagnose: diferenciada, referente a cada aluno. E, *Formativa*, ajustadora do processo de ensino e aprendizagem: detecta os pontos frágeis da aprendizagem, mais do que determinar os resultados obtidos com essa aprendizagem. Tem como objetivos: regulação pedagógica (procedimentos x resultados); gestão dos erros; consolidação dos êxitos.

Levantamos a questão para reflexão dos participantes: É possível aplicar sistemas de avaliação formativos? Quando temos salas com muitos alunos, muitas turmas, muitas aulas. O professor é o responsável pela avaliação, para a avaliação formativa não se tornar impraticável, há necessidade de manter equilíbrio entre intuição e instrumentação. A experiência pode ser uma boa fonte de dados. Procurar estratégias didáticas alternativas que facilitem a auto-avaliação pelos próprios alunos. Auto-regulação das aprendizagens e apropriação dos critérios e instrumentos de coletas de dados para a avaliação. O professor deve comunicar critérios ou normas aos alunos e implementá-los de fato, praticar com os alunos situações de aprendizagem que permitam conhecer os instrumentos e critérios. Pode ser a Auto-avaliação; Avaliação mútua (aluno-aluno); Co-avaliação (aluno-professor), sempre considerar a comunicação dos objetivos aos estudantes. Numerosos estudos demonstraram que os alunos que aprendem de maneira mais significativa são os que reconhecem o que lhes pretende ensinar o professor e de que maneira pensa fazê-lo.

Apresentamos aos participantes, técnicas e instrumentos para avaliação no desenvolvimento de uma unidade didática: *Início*: revisão da matéria anterior, testes rápidos, discussão dirigida, etc. *Durante*:

exercícios, estudos dirigidos, trabalho em grupo, observação de comportamento, provas dissertativas, provas objetivas, arguição oral, etc. *Depois*: provas de aproveitamento. Exemplificamos alguns instrumentos de coleta de dados para a avaliação.

Refletimos sobre as etapas do Processo de Avaliação: *Coleta de informação*, que pode ser ou não instrumentada (*constatar a realidade*). *Análise* dessa informação e conclusão sobre o resultado dessa análise (*qualificar a realidade constatada*). E *Tomada de decisões* de acordo com a conclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados levantados na pesquisa, reflexões e compartilhamento de saberes e experiências durante os momentos formativos percebemos que o professor precisa conscientizar-se de que sua prática de ensino deve favorecer a aprendizagem do aluno, considerar que este pode sempre aprender e desenvolver-se. O planejamento é fundamental para criar condições de aprendizagem, ter clareza na escolha dos instrumentos avaliativos e a forma de utilizá-los definindo os objetivos que se pretende alcançar, pois a avaliação da aprendizagem também é avaliação do trabalho do professor; ter ciência de que o conhecimento estabelecido com sua atividade de investigador dependerá: de suas abordagens teóricas (o que significa que não poderá olhar esse objeto sob todas as óticas possíveis, mas sim sob a ótica da teoria pedagógica assumida); das variáveis levadas em consideração (variáveis restritas ou inadequadas produzirão conhecimentos restritos ou inadequados); dos instrumentos utilizados para a coleta de dados (adequados e satisfatórios) ter noção clara de que a prática avaliativa, no caso da aprendizagem, só faz sentido, ao mesmo tempo, de acompanhamento (processo) e de certificação (testemunho final da aprendizagem satisfatória do educando).

REFERÊNCIAS

BAUTISTA VALLEJO, José M. Escola Aberta e formação de professores: elementos para a compreensão e intervenção didática; tradução de Orlando Reis. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

_____. Avaliação: Mito & Desafio Uma perspectiva Construtivista. Porto Alegre: Educação & realidade revista Livros, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. A avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PERRENOUD, Philippe. Avaliação: Da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ROMÃO, José Eustáquio. Avaliação dialógica: desafios e perspectivas. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005. v. 2.

SOUZA, Ana Maria de Lima. Avaliação da aprendizagem no ensino superior: Aspectos históricos. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/revistaexitus/revistas/volume-ii/artigos/avaliacao-da-aprendizagem-no-ensino-superior-aspectos-historicos/at_download/file> Acesso em 20/09/2014.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. Avaliação da aprendizagem: práticas de mudanças. São Paulo: Libertad - Centro de Formações e Assessoria Pedagogia, 1998.



WEISZ, Telma e SANCHEZ, Ana. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. 2. ed. – São Paulo: Ática, 2009.